

Empresário diz que o BC emite para estatais

28 SET. 1985

Econ. Brasil

"Enquanto não houver garantia de salário, por meio da trimestralidade, devolvendo a confiança à população, ativando o consumo e reduzindo a necessidade de emissão de dinheiro, não adiantam pactos ou outras medidas para baixar os juros." A tese é do vice-presidente financeiro do grupo Villares, Roberto D'Utra Vaz, defendendo a trimestralidade como única maneira de manter o crescimento da atividade econômica e forçar a baixa dos juros. Ele acusa o governo de ser o maior interessado em combater a trimestralidade, para não cortar o atual ciclo vicioso em que a poupança privada acaba financiando o déficit das estatais.

A intenção do governo, em sua opinião, é manter a economia deprimida e o empregado sem segurança e dinheiro, diminuindo o poder de consumo para gerar poupança, o que obriga o Banco Central a emitir para cobrir o rombo das estatais. A necessidade de maior emissão, por outro lado, eleva as taxas de juros. "Hoje, o BC emite dinheiro para dar às estatais. Se elas tivessem gerado cruzeleros para pagar suas dívidas, não seriam inflacionárias. Mas, como são deficitárias, o governo precisa emitir, o que pressiona as taxas de juros. O ponto central, porém, é que o governo só consegue emitir porque há milhares de pessoas aplicando dinheiro e não consumindo", explica D'Utra Vaz, ao atribuir a falta de consumo ao fato de a população não se atrever a gastar mais do que o limite das necessidades imperiosas.

"Antes, as sobras de economias iam para a compra de imóveis, carros, eletrodomésticos etc. Hoje, vão para o dólar, ações ou para o sistema de poupança gerado pelo Banco Central", acrescentou. Ele considera absurdo, numa inflação anualizada de 230%, deixar o salário congelado por seis meses. "O governo precisa encontrar uma maneira de resolver o problema sem agredir mais o povo. Por que não usa da mesma criatividade com que combate a trimestralidade para fechar as estatais?" — "Nada me convence que seja do interesse nacional manter uma Nuclen, Nuclep, Acesita e outras." O desequilíbrio orçamentário de uma econo-

mia estatizada, em sua opinião, é incurável.

Diante desse quadro, o vice-presidente da Villares acha preferível financiar o consumo em vez do déficit das estatais, mas teme uma atitude radical do governo em segurar a trimestralidade, provocando uma grave recessão em função da queda de consumo. Nesse caso, o setor privado que, hoje, com a demanda de mercado está concedendo a trimestralidade para não perder sua mão-de-obra, ficará de mãos atadas. "Se o governo acabar impondo uma recessão, não há porquê as empresas tentarem segurar seus empregados, pois o setor privado trabalha com racionalidade."

Ajustes

D'Utra Vaz está agora empenhado em dar continuidade aos ajustes internos no grupo Villares. Após quatro anos de violenta queda nas vendas, provocando um retrocesso ao nível de 1977 — época em que o grupo crescia 16% ao ano —, a estratégia principal é o saneamento financeiro. Como a partir de 1980, o primeiro ano de recessão para a Villares, a empresa começou a operar em vermelho, em função da queda de mercado e das altas taxas de juros, houve forte aumento do endividamento. A despesa de juros paga pelo grupo em um ano ficou igual à receita. O faturamento passou de Cr\$ 496,4 bilhões, em 75, para Cr\$ 942,3 bilhões, em 84, com a entrada de uma nova unidade. Ao mesmo tempo, a curva de endividamento cresceu: para cada cruzeiro de patrimônio, em 1983 a Villares tinha Cr\$ 1,80 de empréstimo, reduzido para Cr\$ 1,50 em 84. Agora, a busca é por liquidez, reduzindo o risco financeiro do grupo.

A segunda arma da empresa é diversificar mercados e produtos, aumentando o esforço de exportação pois hoje os US\$ 70 milhões de vendas externas representam cerca de 12% do faturamento. Algumas reformulações já começaram, com a criação da holding familiar Catena, controladora da Vibasa, antes controlada pela Aços Villares e Indústrias Villares, cujos lucros eram anulados pela própria Vibasa. No total hoje, o grupo conta com 14 mil empregados.